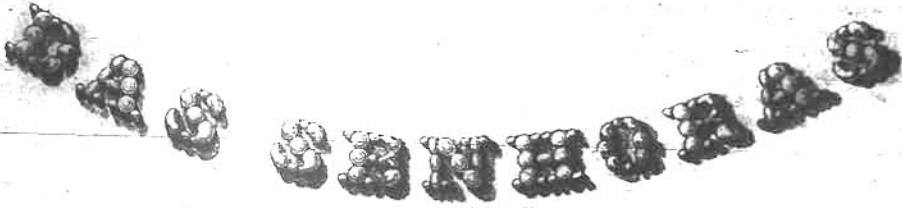


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

MODAS



Não ha duvida, querida leitora, o melhor da função é esperar por ella. Ora como estou eu hoje triste, saudosa... Estou mesmo como quem passou tres dias em um Céu aberto, e de lá me atirarão no quarto dia dentro de uma furna quente e abafadiça, onde por seus melhores ornatos ha sobre uma humilde secretaria um candieiro ao lado, pennas, papel e tinta do outro lado, e em meio destas raras preciosidades um letreiro que diz — Vamos, um artigo de modas para Domingo—Um artigo, querida leitora, um artigo de modas depois de tres dias de entrudo! desses tres bellos instantes (assim os denomino) da minha vida!...

Estou sentada na minha modesta poltrona; mas não escondida ou mettida entre os estufos da minha poltrona, como dizem em letra redonda os sabichões, que não se lembrão que é um disparate, que creim fazer acreditar que haja um en-

regelado vivente que neste tempo calmoso possa aturar o calor de uma poltrona de estufa, quando a mesma roupa do corpo nos encommoda.

A minha poltrona é de palhinha senhores mestres.

Estou pois sentada, querida leitora, entre os taes ornatos e em frente do tal letreiro, escrevendo-vos estas linhas ainda com as mais vivas recordações dos mais pequenos incidentes dos meus tres dias! Estou... com tanta preguiça de escrever, querida leitora... oh! fallo-vos a verdade: ainda tenho muitas saudades da folia: a tinta e o papel encommodão-me... Não escrevo mais.

Que? Não escrever mais!... Que o meu anjo da guarda me preserve de tal. Era mais facil eu aqui ficar assentada até amanhã, do que levantar-me sem ultimar o artigo.

Vou fazer como todos os quo teem saudades possíveis de revelar. Desabafar-me hei relatan-

do-vos os meus divertimentos, os meus gozos, e depois, para meu consolo, vos perguntarei se em tal caso, não teríeis como eu saudades dos tres dias de entrudo.

Principiarei a descripção com ares de alguma cousa importante!

O CARNAVAL EM ANDARAHY.

—Ainda não erão seis horas da manhã, quando um bello carro puxado por quatro fogosos cavallos parou á minha porta. «Então! Ainda se do me! que dorminhoca!... Vamos! vamos! nada de demoras, que os outros carros já lá vão, e ellas chegão primeiro que nós.»

Erão duas amigas do peito, ambas casadas, ambas irmãs, e seus maridos irmãos tambem: tinham promettido vir buscar-me á esta hora; e já estavam dentro do meu quarto.

Estavão feiticieiramente vestidas. A mais velha trajava toda de branco linho finissimo em roupão *negligé*; um pequeno chale de malha de retroz azul, cobria-lhe negligentemente os hombros; uma fita cõr de rosa circulava-lhe gaciosamente o pescoço; chapéo de crina rendado com enfeites cõr de canna; luvas cõr de palha; botinas azues, era todo o *toilette* daquella hora. Sua linda e espirituosa irmã, como que ajustadas de antemão, trajava no mesmo sentido, notando-se apenas uma pequena differença no chale, que era de retroz cõr de canario e nas botinas. Ambas usavão os cabellos em caixos soltos. Estavão mesmo duas lindas tentações.

Em um momento vesti-me, e partimos.

Serião sete horas quando chegámos á Andarahy. Conheccis o Andarahy! Oh! que apreciavel é esse logar! A manhã estava de rosas, muita gente, muitos carros a passar, uma estrada larga guarnecida de verdura, um perfume embriagador de açucenas, jasmims, cravos e rosas, ranchos de risonhas e elegantes moças em todos os portões das chacaras, pelos jardins, que os ha ali magnificos, colhendo flores, ou ás janellas reunidas em grupos de tres e quatro... oh que logar encantador! Que dia alegre e feliz annunciava todo aquelle movimento, aquelle ar puro e embalsamado, todos aquelles risonhos semblantes!...

Abraços, beijos e risadas derão principio ao nosso dia; eramos dezesseis e já faziamos um motim que parecíamos duzentas, sem contar com as boas disposições de oito rapazes, e dous velhos gaiteiros que forão os primeiros a dar o lámiré

da estrondosa symphonia que tão cedo começava a sua introduccão.

Depois do almoço, que foi divertidissimo, chegarão mais companheiras, e por fim eramos quarenta e oito pessoas: vinte oito senhoras e vinte homens, os quaes estavão distribuidos pela seguinte fórma: — oito jogando o *voltarete* — tres conversando em politica — um sentado em um canto da sala, calado e roendo as unhas, com ares de quem espera um — sim — de casamento vantajoso — e oito que se aggregarão a nós como nossos aliados para a folia.

As senhoras dividião-se em duas turmas; dezoito compunhão a primeira: eramo a patrulha do Carnaval, e dez formavão a segunda: era o senado, o senso da sociedade. Bem.

Agora o que pensais destas regulares disposições, querida leitora? Parecer-vos-ha mui justo que cada um se divertisse a seu modo, não é assim? Pois aconteceu o contrario. Meia hora depois da sociedade estabelecida desta fórma, tudo estava mudado; voltaretistas, conversadores de politica, senado, e até o roedor de unhas, tinham desaparecido: todos nós quarenta e oito eramos uma só patrulha do Carnaval e uma só vontade; a alegria tornou-se geral, os velhos refoçarão, e os moços tornárão-se crianças! Demos então começo ao *alegro* da symphonia. Oh! que musica! que brilhaturas! que harmonias! que delirio no *rondó* final! Não vos posso descrever fielmente todas as pequenas particularidades, todos os incidentes engraçados, os repentinos de fazer rir as pedras; porque elles succedião-se ás duzias, e a historia de um só dia encheria muitos quadernos de papel; afflanço-vos que ninguem brincou mais do que nós, ninguem mais criação, ninguem mais delirante, porém um brinquedo, (aqui é que está o bello da sociedade) uma criança e um delirio, de que todos nós nos lembramos hoje com saudades e não se nos envermelhece a face, nem o mais pequeno azedume nos trava o coração. Se a companhia era tão escolhida e tão intima...

O *rondó* final foi o jantar; ahi as mais bellas variações gastronomicas forão executadas intrepidamente pelos contra-baixos da orchestra; o *tutti* foi brillantissimo; o mesmo roedor de unhas que tocava os ferrinhos, desempenhou admiravelmente a sua parte, sobretudo quando marcou tão a tempo o *Fa-perù* e o *Ré leitão*! Nós, isso não fallamos, fizemos artes e traquinadas taes que puzemos tudo em debandada e confusão! De meio do jantar em diante ninguem mais comeu contando mesmo com o bocado que tinha na

boca: as risadas erão tantas, os furtos, os logros, as pirraças e as graças tão repetidas, que não davão tempo a nada. Um dos nossos aliados, se não accede tão em tempo, quasi que engole uma canella inteira de galinha ensopada, por querer comer depressa. Fizemos proesas; só visto!

A sobremesa, que não podia ser no mesmo salão do jantar que ficou todo derrotado, estabeleceu-se em uma lindissima alameda da chacara. Para ali fomos; e um dos rapazes, que tocava violão, lembrou-se de o levar comsigo, e pôz-se a cantar esta modinha antiga, mas mui bonita.

Despresou-me Natersia
Que terno amor me jurou,
Suas juras e promessas,
Tudo a ingrata me faltou.

Ora isto de despresos não sei o que tem com a gente; ficámos todos um pouco tocados e reinou silencio; mas o rapaz, que presentiu o effeito da sua modinha sobre o alegre auditorio, teve juizo, mudou de rumo, e sahio-se com o seguinte lundu:

Agua em pedra vem do Norte
Pra sorvetes fabricar,
Mas nos sorvem os cobrinhos
Sem a gente refrescar.
A pitanguiha
Cajú cajá
Na goela fazem
Ta-ra-tá-tá.
Bravos a especulação!
São progressos da nação!

Tudo mudou de face ao som de tão buliçosa musica! Retomamos o nosso estado alegre e folgazão, e principiamos a dançar o fado. Mas que fado!... foi fadosinho que levou á roda os mesmos velhos, e que não exceptuou ninguem, porque mesmo não houve, quem não quizesse puxar sua fieira; todos dançámos, fizemos mil estripulias, e assim demos por finda a sobremesa. Voltamos para o salão.

Mas eu tinha de asistir ainda nessa noite aos annos de uma senhora a quem dedico mui-to respeito, e pois com dór de meu coração deixei a nossa familiar reunião de todos os annos, para ir cumprimentar á essa respeitavel senhora.

As minhas duas amigas de viagem tambem erão convidadas; fomos todas tres e seus maridos.

OS ANNOS DA EXCELLENTISSA SENHORA

D. ANNA DOROTHEA FORTUNATA DE BRITO.

Ainda chegámos a tempo de assistir ao resto do brilhante e animadissimo festejo que os dignos filhos da Exm.^a Sra. D. Anna Dorothea For-

tunata de Brito costumão a fazer todos os annos em signal de gratidão ao anniversario natalicio de sua mã: é um exemplo da sua apurada educação. O jantar foi no espaçoso e elegante hotel do Paraíso em Catumbý.

Que prazer, que radiante prazer manifestava o agradável semblante d'aquella solícita e respeitavel mã! Ob, querida leitora, neste momento ainda sinto a profunda impressão que me fez o doce prazer que esta senhora fruiu e o respeito e devoção que seus filhos lhe distribuíão... É' mui lindo isto. Era ella, ella só a rainha de todo o festejo, o objecto idolatrado de toda a reunião.

Eis, dizia eu, são estes os resultados colhidos pela santa mã da mã desvelada na educação de seus filhos: elles são mais tarde os melhores flôrões da corôa da vida, que lhe guarnece a fronte encanecida.

Tenha a Exm.^a Sra. D. Anna Dorothea muitos annos de existencia no gremio da sua estimavel familia, que os meus votos sempre serão dedicados á boa mã de tão dignos filhos.

JANTAR NA PONTA DO CAJÚ.

No segundo dia de entrudo estive no Cajú. A sombra da copada ramagem d'aquellas mangueiras, tão antigas e tão conhecidas, da Quinta Imperial, onde tantos dias de prazer e venturas gozárão centenas de amadores, que já não existem, fomos nós pagar o nosso tributo; ahí estabelecemos o nosso abarracamento.

A reunião era já outra, e muito mais limitada.

Como passamos o dia eu mesmo não sei! A nossa alegria, louvado Deus, era constante: pulamos, corremos, brincamos que fazia pismar! Jantamos á sombra das mesmas mangueiras; aqui permitta-me a delicadesa do Sr. guarda roupa Brito e da sua espirituosa e interessante esposa, que em nome de toda a nossa reunião, lhes renda os nossos agradecimentos pelos soccorros que nos fizerão o favor de prestar, de algumas cousas que escapárão á perpicacia da nossa estimavel rancheira.

A estimavel companhia destes novos hospedes ainda mais veio animar o nosso rancho.

O jantar, que era mesmo um jantar alegre e apropriado ao dia, estava sobre a mesa de pedra do lado esquerdo da entrada; mas o que o tornava mui galhofeiro e appetitoso erão as suas disposições habilmente executadas. Na mesa vião-se tres pratos, — um peru, um leitão e no meio um reverendissimo tutu defeijão, feito con-

todos os quindins brasileiros; os outros pratos, que devião sêguir-se á esta primeira bateria, estavam escondidos. Cada uma das pedras de cantaria que por ali estão dispersas, e que outr'ora compunhão outras mesas ao redor das mangueiras, em todas ellas havia um ou dois pratos sobre alvissimo guardanapo, um ou dois talheres, pão e uma garrafa de vinbo, a que os amadores chamão nectar divino, e não é mais do que bom vinho do porto, segundo nos affirmava, a cada copo que com toda a attenção sorvia, um roliço barrigudo, mas muito engraçado, que pertencia á nossa companhia. Na mesa da direita estava disposta a sobremesa e seus accessorios. Ficárão desta fórma tomadas as mesas e todas as pedras que existem no grande circulo que fazem as duas frondosas mangueiras.

Ora se visseis, depois destes preparativos, as senhoras e homens collocados cada um em seu logar, haviéis de rir a não poder mais. As senhoras tomárão a mesa, e os homens, dois a dois, uns sentados, outros de cócaras, outros de joelhos, tomárão as pedras. Era a vista mais divertida, mais engraçada possível, este todo que formavamos, ora tranquillo ora em movimento, sempre rindo e brincando entre as alegrias de mais um dia de vida! Ah... se a vida toda fosse assim....

A' noite fomos á casa de um honrado e jovial estrangeiro, o Sr. Lallemaut, e lá passamos horas de encantos entre a amabilidade de sua apreciavel familia e a graciosidade das mui lindas e interessantes meninas que ali se achavão. De improviso, os moços com algumas roupas esturdias que puderão arranjar, rolha queimada e polvilho, vestirão-se e pintarão-se; e não é nada: tivemos um baile de fantasia que nos divertiu até alta noite, retirando-nos penhoradas das delicadas qualidades da familia Lallemaut.

Em viagem suspirava um padecente com uns — ais — que parecião soluços, tão magoados... Coitado, lamentava o seu caiporismo de não ter cahido em graça de certa moça... que não direi o nome, mas que lhe acho razão de suspirar tres vezes ainda mais: é uma setazinha certa e aguçada cada vibrar d'aquelles olhos!

BAILE DE MASCARAS NO PROVISORIO.

Muita gente! Tres mil, quatro mil pessoas! immensas mascaras! ricos vestuarios! confusão! pulos e gritaria!... Foi tudo quanto vi e ouvi, sem metter em linha de conta um desa-

guisado tolo de um namorado paspalhão! A graça e o espirito, disserão-me que por lá andarão, mas infelizmente não me tocou a vez de os apreciar. Pelo que notei, bem a meu pesar, vim ao alcance, que os nossos mascaras precisão ganhar o conceito de que gosão os mascaras em todos os paizes onde estão introduzidos estes bailes, se quizerem ter importancia e acceitação. Não é no rico vestuario, para o qual olha-se uma vez e depois passa-se a olhar para outro, que está a importancia do mascara, é na habilidade com que elle desempenha o character da personagem que representa. Quando isto realisar-se; veremos então receber-se um mascara em qualquer camarote com o interesse e valor que elle merece; por agora são recebidos com muita urbanidade, mas com um aborrecimento...

Outro tanto não aconteceu ás nossas quatro madamas, de que vos fallei no meu artigo de Domingo passado, e que vos prometti revelar o seu vestuario. Chegárão aos seus fins, souberão de tudo, descobrirão o que desejavão e... d'aqui para diante é segredo: quem quizer que advinhe. Mas o prometido vou cumprir: duas crão dois guapos marinheiros, e as outras duas dois escuros dominós: revesárão, se me não engano, estes vestuarios. Sabeis quem são?

Mesmo assim, como quiz dar fé de tudo voltei para casa á meia noite no terceiro dia, depois de muito me divertir com os proprios mascaras enxabides, vendo-os sahír corridos do camarote. E lá se forão os dias de estruendo.

Ora disse-me, querida leitora, se a vossa Christina, depois de um suêto desta ordem, depois de tres dias de tanto prazer, de um completo abandono das cousas sérias deste mundo carrancudo, terá ou não terá razão de estar saudosa? Oh... respondi que sim; autorisai ao menos esta minha invencivel preguiça de hoje.

Ainda vos não fallei dos nossos figurinos, nem ainda vos dei parte que houverão dez-oito casamentos no sabbado, vespera de estruendo. Bem razão tinhão algumas das nossas Assiguantes de instarem com a Redacção para que lhes desse mais um figurino de noiva... Nós então não pudemos servi-las por que tivemos de dar os figurinos de fantasia; e mal sabiamos que cinco destas senhoras tinhão de casar-se brevemente! Sentimos agora ainda mais a falta involuntaria por que passamos, e vamos ver se merecemos desculpa apresentando os figurinos exigidos, hoje o primeiro domingo que tivemos para este fim, depois dos figurinos de fantasia.



MAG. PUBL. DE

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

Vestuario de noiva. — Vestido branco de seda lisa com a saia enfeitada de uma linda e valiosa guarnição, que effectivamente illude parecendo haverem duas saias, a primeira aberta e a segunda ornada de seis folhos. Esta guarnição porém consiste em dois revezos de renda de ponto de Inglaterra dispostos a modo de avental, pregados na saia e voltados para os lados, onde são apenas presos com alguns pontos de distancia em distancia—De um a outro revezo passam seis pequenos folhos cada um composto de tres ordens de renda estreita, uma sobre a outra, os quaes são fixados nos mesmos revezos com laços iguaes de fita branca que vão diminuindo de tamanho até á cintura—Corpinho afogado, fingindo tambem um corpinho aberto com outro por dentro: elle é da mesma forma enfeitado que a saia, com dois reverses e folhos de renda, notando-se unicamente a differença nos tres laços de fita, os quaes são em meio do corpinho—Camisinha de afogadilho em roquete cobrindo parte do pescoço—Cintura redonda, ramo nupcial de rosas brancas e flores de laranja ao lado esquerdo—Mangas largas abertas com outras de renda por dentro, justas e compridas, com punhos de renda de ponto de Inglaterra—Penteado de bandós fortemente ondeados, um pouco encobertos pelo véo, o qual é collocado quasi em começo da divisão dos bandós e envolve toda a cabeça, deixando apenas apparecerem os dois ramos de rosas brancas e flores de laranja—Luvas de pellica branca—Livro de missa e lenço de renda ponto de Inglaterra.

Toilette de passeio.—Vestido de seda branca com ricos desenhos de festões de flores divididos por listas roxas ao comprido, simplesmente enfeitado de um mui largo folho enviezado da mesma fazenda — Corpinho aberto revelando uma camisinha afogada composta de tiras franzidas, e fechado por outro de veludo com *basquine*. Este *basquine*, assim como as mangas, são adornadas de uma rica guarnição de renda preta de Chantelly disposta em duas ordens, uma estreita e outra mais larga, sobrepostas e de maneira que a segunda renda toque ao folho da saia, como indica o figurino—Chapéu *capote* cor de canario, enfeitado com duas nequenas plumas e renda.

Querida leitora, agora dai-me licença para

que feche aqui este meu estrado artigo e vos diga um adeos até domingo que vem.

Cattete 11 de Fevereiro.

Christina.

(26)

EDECAÇÃO DA MULHER.

I.

Mulher! flor indigena do paraizo! flor encantada de magicos enlevos! Plantada por mão divina nesta terra fertilizada de cardos e d'espinhos, foste!... para que?

Mulher, fonte de alegria e prazeres! Com os risos e as graças folgando na atmosphera que te circunda, com o cortejo de venturas, que uma imaginação pôde appetecer, foste lançada neste mundo de enganos e decepções!... foste!... para que?

Mulher, vulcão de amor, reflexo da faculdade mais querida da Divindade; compendio de sensibilidade e poesia! Neste mundo egoista e prosaico foste atirada, foste!... para que?

Para seres a *companheira do homem* na senda escabrosa da vida; para seres o regaço da humanidade que lhe adormentasse as dores das provações da vida; para seres o consolo, a nobreza, o orgulho do homem; para eleva-lo acima de si mesmo; para ensinar-lhe uma abnegação de que lhe dás exemplo; para em fim seres a sua *realidade!*

Entretanto o que és?

Flor desbotada! cujo aroma viciado pela atmosphera em que se espalha, irrita os sentidos! Fonte de males e d'ssabores! cujas nascentes tem sido alteradas pelas paixões!

És um vulcão!... sim um vulcão alimentado com combustiveis de Paphos e Cithera!

Pelo que?

Quem foi que te desviou dessa vereda de consagração e de amor?

A falta de educação.

A falta de bons preceitos.

A falta de cultura.

Procurar pois trazer-te ao caminho a que Deus te destinou, vai ser nosso intento. Que importa que não tenhamos o preciso para esse mister? A'quelles que nos lerem, pediremos, que nos desculpem as faltas de instrução pelos sobejos de vontade que nos encontrarão sempre.

A educação de qualquer individuo não deve ter outro fim, senão preparal-o, dar-lhe a disposição precisa para bem desempenhar o papel que Deus e a sociedade lhe distribuirão neste drama de grande espectáculo a que denominão vida.

Educar para outro fim, é commetter um crime contra a natureza, a sociedade, e contra si mesmo; porque quantas vezes vegetarão entre os outros homens, nossos parentes sem nome, e despercebidos, que serão talvez o orgulho do seu paiz, a honra da sociedade ou a gloria da sua época se a sua educação fosse melhor dirigida?

A mulher não desmerece, não faz excepção a esta regra; e mais que ninguém tem direito a uma educação cuidadosa, porque seu destino é todo espirital; é uma missão divina, que tem por objecto a regeneração da humanidade, para a felicidade d'aquem e d'alem tumulo.

Expliquemo-nos. Ouvi-me homens da tyrannia.

II.

A queda do primeiro homem, foi o triumpho do egoismo sobre as paixões generosas.

O homem egoista entregou-se a todas as suas paixões, e tornou-se brutal, tyranno, orgulhoso, sensual, etc.

A mulher foi a primeira victima sacrificada ao seu crime, e desceu da condição de companheira do homem á de sua escrava.

Era uma expiação!

A humanidade soffria a pena de nossos pais: os seculos que se seguirão ao seu crime, forão seculos de sangue; inaugurou-se o barbarismo, levantárão-se templos ás paixões mais torpes; erguerão-se estatuas á apostolos de vicios; não se respeitárão os laços mais queridos; e enfim os homens deixárão de ser homens, e tornarão-se emulos dos brutos.

Os annaes da historia antiga são escriptos com sangue: cada reinado é um lago de sangue, uma montanha de crimes; e cada homem celebre um algoz da humanidade.

O que forão Sesostris e Cambisis? O que forão Gengiskan e Tamerlem? O que foi esse imperador da China, Thesin, que mandou queimar os livros, e trucidar os homens que se davão ás letras?

Abri as historias de todos povos antigos, e não encontrareis senão crimes, e somente em uma ou outra encontrareis um nome de homem,

desse de natureza privilegiada, que, como a Salamandra, andão no fogo sem se queimarem, que se fizerão superiores ao seu seculo, e que se consagrárão ao allivio dos outros homens.

Era de mais! Os gritos da humanidade chegarão á mansão divina, e Deus teve compaixão da sua obra! Elle não tinha criado o homem á sua imagem, dotando-o com uma faculdade pensante e intelligente, para viver uma vida animal.

Nasceu Jesus Christo.

Foi uma estrella em noite calliginosa!

Forão os olhos que se abrirão á luz!

Forão as trevas que se dissipárão!

Foi a luz que se irradiou por todo o univ. o.

O christianismo rehabiltou a mulher.

E a causa do crime da especie humana, foi escolhida para instrumento de sua regeneração.

Os annaes do christianismo fallão de mil conversões feitas pela mulher, e entre ellas avu'ta a de Santo Agostinho por sua mãe.

A conversão ao christianismo é a regeneração da humanidade, porque o christianismo é a morte do egoismo.

E' pois a mulher a fonte d'onde deve correr todas as felicidades da especie humana.

E educal-a é trabalhar para um fim aproveitavel a todos.

J.



A MOÇA O QUE É?

A moça é rosinha,
Que um beijo desfolha;
Que n'uma só lagrima
Fanada se molha.

A moça é arroio
De lymphá serena,
Que um só vermezinho
Turvandó e venena.

A moça é crystal
Mais claro que o dia,
Que um só bafejar
Um só—embacia.

A moça é estrella
No Céu a fulgir,
Que a mais l: ve nuvem
Lhe rouba o luzir.

A moça é uma nota,
Que foi desferida;
Que encanta, e que morre
No espaço perdida!

A moça é desejo,
Que dura um momento;
É sonho ligeiro,
Veloz pensamento.

Só quando a virtude
Risonha a soccorre,
A moça é um anjo,
Na terra não mor: e!

Janeiro.—1853.

S...



A QUARESMA.

Esta palavra é uma contracção de *quadragesima*, por causa dos quarenta dias de que se compõe. Pretendem uns que a quaresma fôra instituída para recordar os quarenta dias do delúvio; outros dizem, que os quarenta annos que os israelitas errarão pelo deserto; porém a maior parte dos escriptores concordão em que a quaresma é uma memoria do jejum de Jesus Christo e uma preparação para os grandes mysterios da paixão. É certo que já no tempo dos apóstolos a festa da Pascoã era precedida de alguns dias de jejum, porém o número destes não era determinado. Foi só no seculo 3.º que a igreja impoz como preceito este jejum, e o fixou em trinta e seis dias. Depois o Papa Gregorio 1.º lhe augmentou mais quatro, e este uso foi recebido por toda a igreja do occidente.

Nos primeiros dias do christianismo uns obse-
ravão tão sómente a abstinencia da carne de
animaes impuros e d'aquelles sacrificados aos
idolos; e outros ainda regeitavão esta pratica
como inutil, e fazião consistir a abstinencia na
quantidade e não na qualidade dos alimentos.
Depois com a obrigação do jejum quaresmal veio
a da abstinencia de carne, ovos, leite, e vinhos,
e não se comia mais que uma vez por dia, de-
pois da hora de vespêras. Mas já no seculo 7.º se
havia relaxado esta austeridade, e o uso de vi-
nho foi permittido. Pelo principio do 16.º secu-
lo as vespêras passãõ a ser resadas ao meio
dia, e a hora da comida seguiu a mesma alte-
ração. Então a abstinencia nos alimentos redu-
zia-se tão sómente a não comer carne; e admi-
tia-se uma segunda comida mais leve que a pri-

meira, a que chamavão *collação*, porque depois
desta comida os religiosos ãõ ter conferencias
sobre as obras dos Santos padres, a que cha-
mavão *collationes*. Depois ainda, em alguns
paizes, se admittirão mais modificações ao rigor
do jejum, e em algumas dioceses da Alemanha
elle é só de tres dias por semana.

EXT.

Viscondessa da...

KAROLINA

Novella polaca.

(CONTINUAÇÃO.)

« Pariz 29 de setembro de 1805.

« Recebi neste instante minha cara mamã a
carta que me escrevestes no dia dos meus annos,
carta que me encheu de satisfação. Quando
porém receberei a vossa resposta a todos os
pormenores que vos participava da minha vida,
de Leão, de mim, de tudo em fim que forma
hoje a mais doce e a mais perfeita intimidade.
Cousa cruel é a distancia! Sofro lembrando-
me das vossas inquietações e dos tormentos em
que viveis, pensando em mim: para a minha
felicidade ser completa, falta só que vós esti-
vesseis junto de nós.

Leão, nas suas interminaveis conversações,
confessa arrependido as suas travessuras, e eu
não só lh'as perdoo, como de mais a mais as es-
queço! Meu marido approva hoje em todos os
pontos a educação que me destes: diz que eu
posso tudo o que pôde aperfeiçoar a mulher e
a mais rara natureza!

A ternura de Leão teria servido de grande
collação a meu pai. No dia 20 do correate,
mandei celebrar uma missa na igreja de S.
Felippe de Roule, pelo descaño da sua alma.

Espero minha cara mamã, que me perdoareis
o ter eu alliviado o luto: Leão se entristecia
profundamente de me ver vestida de preto des-
de a cabeça até os pés.

Cumpr não só obedecer a meu marido, mas
até adivinhá-lhe as vontades para lh'as satis-
fazer.

« Passeando hontem no jardim disse eu a
Leão.—Ha bem dezeseis mezes que somos ca-
sados, e immediatamente que proferi estas pala-
vras, me arrependi, pois que Leão exclamou com
um tão de desespero, que não posso descrever:

— Sim, dezesseis mezes que eu estraguei, quando o Céu me offerencia uma felicidade sólida... e o futuro...

Não pôde concluir, e eu não podendo explicar esta impressão fiquei profundamente triste. Presentemente a confiança que existe entre mim e meu marido, é inteira: elle sabe tudo meu, e eu tudo delle; e todavia não leu o meu diário, que me pesa de não ter trazido comigo. Leão julga-me perfeita, por ignorar que a Providencia me susteve á borda do abysmo. Peço-vos minha cara mamã, de guardar o meu diário na minha pequena secretaria, porque é necessario que algum dia Leão o leia, para que saiba que de mim para elle não ha segredo. « Que mulher extravagante, esta princeza Julia! é hoje tida e havida publicamente por amante do principe Jeronymo, e com elle partiu para o exercito. A guerra com a Austria está emminente, e o Imperador ha quatro dias que sahio de Paris. Luiz está addido ao estado-maior do Marechal Lannes, e depois que partiu, já nos escreveu por duas vezes.

Leão tosses muito, mas diz que isto não é de cuidado: não gosta que lhe fallem da sua saúde.

Adêus, minha boa e querida mamã, resai por mim, porque a minha actual felicidade me faz estremeecer. — « *Karolina.* »

Paris, 28 de outubro de 1805.

Ah! minha mãe, d'aqui a pouco-terei a quem amar, assim como vós me tendes amado; d'aqui a pouco farei á uma criatura querida tudo ó que vós tendes feito por mim. Não o acreditava, mas o doutor Morkowki, medico da Imperatriz Josephina, diz que é verdade, que eu estou grávida. Julgo-vos feliz, minha cara mamã, e quanto desejaria eu estar junto da vossa pessoa para receber os vossos carinhos e os vossos conselhos. Deus ouviu as nossas rogativas, e seria completa a minha felicidade se a saúde de meu marido não me desse tanto cuidado.

Temos tenção de partir para a Polonia no fim do anno, mas para isso é necessario que Leão se restabeleça: está tosse continua me inquieta...

CONCLUSÃO.

A viagem á Italia e a residencia nas margens do Niemen, tinham desenvolvido em Leão os germens de uma doença de peito, que em Paris tomou um caracter assustador. Os soccorros da medicina não resistirão á emminencia do perigo. O ar natal talvez tivesse prolongado os dias de Leão, mas era impossivel comprehendere no inverno uma viagem longa, e elle succumbiu na primavera. Ah! se a dedicação do amor pudesse retardar a hora derradeira, Leão teria vivido! Karolina semelhante ao anjo da consolação, não deixava dia e noite a cabeceira do doente, previnindo seus menores pensamentos. O doutor Morkowki, que sabia que os dias de Leão estavam contados, preparou Karolina para a desgraça que ja fulminava-a.

Para lhe dar coragem, fallou-lhe do filho que trazia em suas entranhas. Deus concedendo-lhe a felicidade de ser mãe, não lhe faltou com a resignação. Karolina sobreviveu a tamanha dôr. Nos primeiros dias, expirou Leão nos braços de sua mulher. Mandou transportar para Polonia os restos mortaes de seu marido, os quaes forão depositados na igreja da Madragora; e Karolina foi reunir-se á sua mãe, para nunca mais a deixar. Atravez de tantas lagrimas e de tantos soffrimentos, restava uma esperança, e com effeito no mez de junho, Karolina deu á luz um menino.

Depois do seu restabelecimento, partiu com sua mãe para Madragora. Karolina, a mais santa das mães amamentou seu filho, a quem desde o primeiro dia do seu nascimento ella tinha dedicado e consagrado toda a sua vida.

O polatino sabendo da morte de seu filho partiu para a Italia, onde, apesar da sua idade, se apaixonou por uma mulher que tomou conta delle e do seu dinheiro, servindo as rendas de Karolina para pagar as dividas do polatino.

A princeza Julia, ainda por dez annos combatteu as rugas, os cabellos brancos e todos os horrores da idade!...

Por fim [foi enclausurar-se em um convento, não para expiar as suas culpas, mas para se esconder dos olhos do mundo.

A camarista veio a morrer de uma febre biliosa, que a tornara tão feia, que todos que a vião dizião — que na cara tinha a alma.

Luiz, depois de ter tomado uma parte activa em todas as guerras do Imperio; depois de se ter distinguido na revolução de 29 de novembro, está actualmente em França, onde faz parte da emigração Polaca.

Olympio Chodzko.

Trad. do francez pela R. em-chefe.



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

DE UMA ILUSTRRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

Ha! é a interjeição do riso, e *Ah!* a interjeição de dôr. A differença entre uma e outra, consistindo tão somente no modo da aspiração, mostra-quão rapidamente, n'um volver de respiração, o riso se converte em choro.

A tristeza n'um homem invênjoso denota quasi sempre, que alguma felicidade aconteceu a outrem.

Quem toma conselho só de si proprio, muitas vezes terá um doudo por cliente.

Acompanha este n.º 7 a estampa com figurinos de noiva e de passeio.